

A EXPERIÊNCIA DO CURSO REFLEXÕES SOBRE LITERATURA E MULHER NA UFSC – JOINVILLE

Pedro Albeirice da Rocha¹
Karina Carvalho Morais²

Resumo

O curso de extensão Reflexões sobre Literatura e Mulher ocorreu na UFSC, em Joinville, com os objetivos de fomentar o conhecimento e estabelecer a discussão de obras de autoria feminina, com um total de 60 horas. Como metodologia, foi utilizada a leitura e discussão de obras literárias. Em nível teórico, as principais obras discutidas foram *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir e *Um teto todo seu*, de Virgínia Woolf. As leituras foram aplicadas a diversos textos de autoria feminina, com a coordenação de Pedro Albeirice da Rocha e ampla participação discente.

Palavras-chave: mulher, literatura, discussão.

Resúmen

El curso de extensión "Reflexiones acerca de Literatura y Mujer" tuvo lugar en la UFSC, en Joinville, con el objetivo de fomentar el conocimiento y establecer la discusión de obras de mujeres, con un total de 60 horas. Como metodología, se utilizó la lectura y discusión de obras literarias. A nivel teórico, los principales trabajos discutidos fueron "The Second Sex" de Simone de Beauvoir y "A Roof of One's Own", de Virginia Woolf. Las lecturas fueron aplicadas a varios textos escritos por mujeres, con la coordinación de Pedro Albeirice da Rocha y una amplia participación estudiantil.

Palabras clave: mujer, literatura, discusión.

Introdução

O curso de extensão *Reflexões sobre Literatura e Mulher* teve lugar na Universidade Federal de Santa Catarina, campus de Joinville, de 22 de setembro a 1º de dezembro de 2017, tendo como alvo a comunidade interna e a externa. As aulas transcorreram sob a responsabilidade do docente Pedro Albeirice da Rocha, então atuando na UFSC através de contrato de colaboração técnica entre esta instituição e a Universidade Federal do Tocantins.

O objetivo geral do curso foi “refletir acerca da escrita feminina e sua inserção na sociedade”. Mais especificamente, buscou-se fomentar o conhecimento de obras de autoria feminina, bem como estabelecer discussões a respeito das mesmas. 23 estudantes concluíram o curso.

A tarefa “impossível”

A Universidade Federal de Santa Catarina, na esteira da interiorização do ensino superior promovida pelo Governo do País na primeira década do século, estabeleceu-se em mais quatro *campi*, além da unidade central, que fica na Trindade, Florianópolis: Curitibanos, Araranguá, Blumenau e Joinville.

No caso da chamada *Manchester Catarinense*, até pela sua pujança industrial, ganhou corpo a ideia de que, ali, seria instalado um campus voltando às Engenharias, ou seja, com um viés eminentemente tecnológico. Tendo começado suas atividades nas dependências da Univille, o campus migrou, num primeiro momento, para os bairros América e Santo Antônio, vindo a instalar-se, em 2017, no *Perini Business Park*, entre a sede do município e o distrito de Pirabeiraba.

¹Professor - Letras - Universidade Federal do Tocantins – Araguaína

²Acadêmica - Engenharia de Transportes e Logística - Universidade Federal de Santa Catarina - Joinville

A vocação pela área técnica é tão presente, que a unidade é menos conhecida como *Campus de Joinville*, consolidando-se, cada vez mais, o nome do Centro como elemento identificador: CTJ – Centro Tecnológico de Joinville.

Apesar de uma certa resistência ao mencionar sua ideia, o idealizador do Curso levou a efeito seu ideal de contribuir para a disseminação das discussões humanísticas no Campus. Passou-se a compulsar bibliografia e preparar os trâmites burocráticos para a implantação.

A metodologia dos trabalhos

Após campanha de matrículas, as aulas tiveram início na Unidade da Rua João Colín, divisa dos bairros América e Saguçu. A sala, com capacidade para 25 a 30 alunos, ficou lotada.

Logo de início, foi anunciado que o curso homenagearia a memória da professora e pesquisadora Zahidé Lupinacci Muzart, que pertenceu aos quadros da UFSC, na Capital. Seu trabalho a respeito da escrita feminina tem reconhecimento nacional.

Os textos, teóricos, poéticos e ficcionais foram providenciados pelo docente e pelos estudantes, em apostilas ou PDF. Utilizaram-se, amplamente, os recursos *multimídia*, com projetor acoplado à rede mundial de computadores.

Figura 1 – Aula do curso de extensão *Reflexões sobre Mulher e Literatura*



Fonte: Luiz Alberto, 2017.

A cada semana, os cursistas liam um texto teórico e outro ficcional ou poético, preparando-se, assim, para a discussão em grupo. Além dos textos, eram intercaladas canções cujas letras viabilizassem a discussão do papel da mulher.

A avaliação foi realizada com base no envolvimento e participação dos estudantes.

A preocupação com a teoria

Para as reflexões teóricas sobre a escrita feminina, foram compulsadas algumas obras. Levou-se em conta a não iniciação de boa parte do público, a maioria discentes de cursos tecnológicos e não necessariamente iniciadas na discussão sobre gênero.

Também levou-se em conta que se tratava de um curso inicial, sem a pretensão de realizar discussões aprofundadas sobre a temática. Ao mesmo tempo, existiu a preocupação de que o curso não fosse por demais superficial. A busca desse equilíbrio permeou o período de pesquisa sobre a bibliografia teórica a ser utilizada.

A conferência de Virginia Woolf

A principal referência estrangeira foi a obra *Um teto todo seu*, de Virginia Woolf, que recebeu esse enfoque especial, devido ao prestígio acadêmico de que tem desfrutado desde sua publicação. Trata-se de uma conferência realizada em 1928, na Inglaterra, na qual são debatidas as condições necessárias às mulheres para lograrem êxito como escritoras. Antes de serem iniciados os debates sobre a obra em si, foi proposto refletir-se sobre a tradução do título da obra, que em inglês se chama *A room of one's own*. O título na edição brasileira ficou mais poético, em relação ao mais direto *O quarto próprio*, este publicado em Portugal.

Woolf reflete sobre a condição das mulheres ao escrever. Por que motivo as mulheres, ao longo do século, renderam personagens fortes e interessantes, mas não se tornaram autoras? Que condições tiveram (ou não tiveram) as mulheres para produzir obras literárias? A obra se constitui como um exercício de imaginação intenso, com reflexões abundantes a respeito da escrita feminina e, em especial, das condições de produção a que eram relegadas, historicamente, as mulheres.

Essa reflexão inicial pareceu a mais pertinente para aquecer as discussões sobre o fazer literário feminino.

Educai as mulheres

Causa surpresa o desconhecimento que existe, no mundo acadêmico e extramuros, a respeito daquela que é, talvez, a grande pioneira do feminismo no Brasil. Dionísia Gonçalves Pinto, mais conhecida pelo pseudônimo Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1875), escreveu inúmeras obras em defesa das mulheres, negros, indígenas e outras minorias. Foi educadora e escritora.

A bandeira da igualdade entre gêneros foi sempre seu mote, mas não o único. Seu trabalho como educadora foi considerado como repleto de ações á frente de seu tempo. Ela é considerada a primeira feminista do Brasil.

Para o curso em questão, foram abordados excertos de duas obras: *Direitos das mulheres e injustiças dos homens* (1832) e *Opúsculo Humanitário* (1953). A primeira é uma tradução livre que a autora realizou do livro de Mary Wolstonecraft (1759-1797), *A vindication of the rights of woman* (1791).

As reflexões foram conduzidas principalmente, tendo como ponto de partida a frase de Nísia Floresta, “se queres modificar o mundo, educai as mulheres”. As condições de opressão que vivenciaram as mulheres nos séculos XVIII e XIX foram amplamente discutidas.

Outros textos não ficcionais

Na fundamentação teórica do curso, aparecem textos diversos e abriu-se para a contribuição dos estudantes, também, nesse quesito. Mas, pela exiguidade de tempo do curso, optou-se por três textos principais.

O primeiro deles foi o livro *O poder do macho* (1990), de Heleielth Saffioti, vazado numa linguagem de fácil compreensão e destinado aos estudantes jovens. Mas, engana-se quem pensa que se trata de algum livro desprovido de qualidade. A pesquisa, bem séria, levada a efeito pela intelectual em questão, redundou numa obra de impacto, mostrando com fartura de exemplos as relações de poder que permeiam as relações homem/mulher na sociedade, especialmente a brasileira.

O segundo livro a ser observado foi *Mulher, objeto de cama e mesa*, opúsculo de Heloneida Studart, objetivo e ilustrado, contendo interessantes informações a respeito da questão feminina e da influência do sexismo na sociedade.

Mereceu atenção, ainda, o texto *Meninas atrevidas, o que é que não vão dizer?* da professora Tânia Regina Oliveira Ramos, publicado na edição 101 da Editora Tempo Brasileiro. A abordagem é sobre os diários que as meninas tradicionalmente escreviam e para onde, supostamente protegidas pelo cadeado, enviavam seus desabafos.

O momento de reflexão sobre a teoria foi muito interessante, pois, a partir das ideias de mulheres que escreveram sobre o machismo, viabilizou-se discutir questões afins atinentes a nossa sociedade, ao nosso cotidiano. As vitórias das mulheres foram abordadas e foi possível perceber como se deve agir para diminuir o preconceito contra as mulheres. Mas, perceber essas questões na teoria e na história, ainda era pouco. Por isto, a expectativa sobre os textos de mulheres vinha sendo grande, desde o início do curso.

Ficção femininda

No terreno da ficção, buscou-se privilegiar autoras cuja escrita feminina tem sido reconhecida pela beleza e capacidade de abordar o universo da Mulher. As principais autoras estudadas foram:

Katherine Mansfield

O conto *Bliss*, talvez o mais conhecido da escritora neozelandesa, é um ícone da escrita feminina. A palavra é considerada de difícil tradução, tendo o escritor Érico Veríssimo optado pelo vocábulo *felicidade*, em português. Entretanto, há quem prefira a palavra *êxtase*.

Em *Bliss*, refletiu-se a respeito da condição de Berta Young (sobrenome que é, ao pé da letra, *jovem*). Aos trinta anos, ela possuía aquilo que faria uma mulher de sua classe feliz: casa boa, marido, uma filha, elegantes amigos. Porém, havia situações que a tiravam do seu *êxtase*, do seu *bliss*, levando-a a uma realidade não tão feliz.

Marina Colasanti

Essa autora brasileira é uma das mais lembradas quando o assunto é literatura de mulher. São inúmeras as suas obras com abordagem feminina, tendo-se optado, no caso do Curso, pelo livro tido como literatura infantil chamado *Uma ideia toda azul*.

Trata-se de uma coleção de narrativas curtas, num universo que guarda analogia com os contos de fadas. A metáfora do encerramento da Mulher no castelo e a da liberdade do homem na floresta caracterizam-se como recorrentes nos contos do livro.

Dentre os contos estudados, destaca-se *Além do bastidor*, no qual a castração patriarcal imposta à Mulher se mostra marcadamente presente no enredo.

Clarice Lispector

Toda a obra clariceana se presta a reflexões a respeito do universo feminino.

Para o Curso, foi escolhido o texto *Devaneio e embriaguez duma rapariga*. A narradora é uma portuguesa de comportamento tradicional, que se permite libertar em um jantar regado a álcool, ao menos pelo pensamento, expresso no fluxo de consciência.

O resultado é emblemático a respeito do encerramento feminino sob a “proteção” patriarcal, alimentando o debate a respeito da condição repressora da sociedade sexista.

Poesia de mulher

Para representar o universo feminino na Poesia, foi escolhida a poeta fluminense Ana Cristina César, autor de *A teus pés*, livro que a consagrou na literatura brasileira.

Ana Cristina, que morreu com pouco mais de trinta anos, deixou seu nome gravado tanto pelos seus poemas quanto pelo seu trabalho de tradução e de crítica a respeito da tradução. Sua obra poética é situada entre o ficcional e o autobiográfico.

Ana Cristina foi uma das mais emblemáticas representantes da chamada *poesia marginal*, florescente na década de 1970 do século passado. O destaque está na singularidade de seus poemas, conjugando prosa e poesia, o íntimo e o universal, o masculino e o feminino. Encarna em seus poemas a mulher moderna, capaz de falar abertamente de seu corpo e de sua sexualidade.

A escolha de Ana Cristina, e somente ela, se deu pela exiguidade do tempo, pois há outras poetas muito interessantes para o estudo.

Conclusão

Realizar o curso *Reflexões sobre Mulher e Literatura* num campus eminentemente tecnológico constituiu um desafio aos estereótipos, que se conclui plenamente vencido. Foi possível chamar a atenção, mais do que para a escrita feminina, para o papel da mulher na sociedade.

Registre-se que, a partir da análise da ficção e da poesia, fomentou-se o debate sobre questões sociológicas, históricas e antropológicas em relação à mulher. Uma das temáticas que mais se discutiu foi a questão do feminicídio e também a da luta pelos direitos e igualdade.

O impacto na comunidade acadêmica foi positivo, suscitando o desejo da realização de mais cursos com temática afim, o que foi interrompido pelo término do contrato de colaboração técnica entre a Universidade Federal de Santa Catarina e a Universidade Federal do Tocantins, convênio que possibilitou, por dois anos, a atuação do professor Pedro Albeirice da Rocha no Centro Tecnológico da UFSC, o campus universitário de Joinville.

Referências

- CÉSAR, Ana Cristina. *A teus pés*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- FLORESTA, Nísia. *Direitos das mulheres e injustiças dos homens*. Rio de Janeiro: Cortez Editora, 1989.
- LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. São Paulo: Rocco, 1998.
- MANSFIELD, Katherine. *Felicidade*. In *Felicidade e outros contos*. Rio de Janeiro: Revan Editora, 1991.
- RAMOS, Tânia Regina Oliveira. *Meninas atrevidas, o que é que não vão dizer?* Revista Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, s.d.
- SAFFIOTI, Heleieth. *O poder do macho*. São Paulo: Scipione, 1990.
- STUDART, Heloneida. *Mulher, objeto de cama e mesa*. Petrópolis, Vozes, 1989.
- WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.